

POR FAVOR LEIA COM ATENÇÃO

COMO GUARDAR O TEXTO

Para guardar este texto (incluindo dados adicionais) seleccione a opção GUARDAR (em inglês, SAVE) no seu browser (Explorer, Navigator...), dentro do menu FICHEIRO (em inglês, FILE).

Na opção GUARDAR COMO (em inglês, SAVE AS), também no menu FICHEIRO, poderá guardar o texto e atribuir um novo nome.

COMO IMPRIMIR O TEXTO

Para imprimir este texto (incluindo dados adicionais) seleccione a opção IMPRIMIR (em inglês, PRINT) no seu browser, dentro do menu FICHEIRO (em inglês, FILE).

Também poderá aceder a esta função seleccionando o botão de impressão (com a imagem de uma impressora), disponível na barra de ferramentas.

NOTA IMPORTANTE

Para voltar ao artigo não feche esta janela. Utilize o botão do browser RETROCEDER (em inglês, BACK), situado no lado esquerdo da barra de ferramentas.



Os novos movimentos religiosos e o poder

Joaquim Carreira das Neves *

Janus 2007

O assunto em epígrafe é um dos temas mais discutidos em livros, jornais, diálogos televisivos ou conversas de amigos, nos dias de hoje.

Quando aconteceu a queda do muro de Berlim, o mundo respirou e olhou para o céu como que a dizer: finalmente chegou a era da paz. Mas a respiração e o olhar de acção de graças durou pouco tempo. O século XXI começou mal pelas razões mais inesperadas – as da religião. Continuamos dominados pelo medo e fantasma do terrorismo de um pequeno grupo islâmico – a Al Qaida. Por outro lado, há quem disserte sobre o medo do fundamentalismo evangélico expresso na guerra do Iraque, a partir da Casa Branca com o epígono “messiânico” de George W. Bush e respectiva política da *Christian Coalition*. O fundamentalismo islâmico e o fundamentalismo evangélico dos neopentecostais americanos é apenas um exemplo dos novos messianismos em que os nacionalismos políticos e culturais procuram mandar no mundo¹.

Religião e poder

Não há dúvida de que a religião sempre andou de mãos dadas com o poder. E é compreensível, à luz da história, que assim seja desde que se aceite o homem como “ser naturalmente religioso”. De facto, assim foi até ao tempo do Iluminismo e Racionalismo. A Revolução Francesa e o surgir da Razão como fundamento último da verdade determinaram uma mudança de cento e oitenta graus na cultura e paradigma da humanidade. Augusto Comte, Emile Durkheim, Immanuel Kant, Hegel, Karl Marx e tantos outros estabeleceram os princípios sociológicos, filosóficos e práticos de um mundo sem Deus. O tempo passou e o mundo de Deus regressou pela mão de fundamentalistas religiosos e políticos. A determinação político-religiosa de Jesus: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt 22, 21), fundamento da laicidade moderna, está posta à prova com os acontecimentos recentes do terrorismo islâmico e do revivalismo dos novos movimentos religiosos.

O problema é, pois, antigo. A sociedade, ao longo dos séculos, foi dominada pela política e pelo poder sempre de mãos dadas com a religião, fosse ela de tipo animista, politeísta, henoteísta ou monoteísta. Jesus foi uma excepção ao estabelecer o princípio do “serviço” (Mt 20, 26-27 e par.: “Não seja assim entre vós. Pelo contrário, quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo; e quem no meio de vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo”).

É consensual que a Igreja cristã, depois da liberdade concedida por Constantino, passou de uma Igreja perseguida a uma Igreja perseguidora sempre que os seus crentes se afastassem da verdade do seu credo. A religião tornou-se ideologia e toda a ideologia que se desdobra em verdade absoluta é, por natureza, perseguidora. Aconteceu com cristãos, judeus, muçulmanos, hindus, budistas, taoístas. A história das religiões é a história da liberdade e salvação, por um lado, e da perseguição e condenação, por outro.



Os tempos mudaram e a Igreja Católica, pela boca de João Paulo II, aprendeu a lição e pediu perdão ao mundo pelos seus erros.

Os novos fundamentalismos cristãos

Como compreender, então, nos nossos dias, os novos movimentos religiosos fundamentalistas aliados ao poder e ao desejo de domínio sobre o mundo?

Em nosso entender, os novos movimentos religiosos fundamentalistas acontecem em todos os sistemas religiosos. Por outro lado – devemos confessá-lo com humildade – é difícil classificar o que são movimentos fundamentalistas.

A origem histórica do *fundamentalismo religioso* aconteceu nos Estados Unidos da América do Norte nos anos de 1910-1915. Muitos protestantes, confrontados com a ciência darwinista do evolucionismo, que reputaram como contrária à letra da Bíblia, e com outros movimentos liberais no campo da religião, política e família, decidiram lutar pela verdade da Bíblia contra a ciência, do capitalismo contra o socialismo, e publicaram doze volumes intitulados *The Fundamentals*, que divulgaram às centenas, em defesa das suas teses². A partir desta fundamentação histórica, no virar da página das lutas entre Bíblia e ciência, têm surgido, ano após ano, grupos ou movimentos fundamentalistas que primam em defender a fé contra a ciência e contra tudo o que belisque a fé, seja ela judaica, cristã, muçulmana, hindu, budista. Não se trata de *diálogo* entre fé e ciência, entre fé e história, entre fé e cultura, mas de *impor* a fé contra a ciência, história e cultura. Sem dúvida que o exemplo moderno mais gritante é o da Al Qaida, que não respeita nada nem ninguém para impor as suas ideias. Os suicidas islâmicos, em nome de Alah, matam indiscriminadamente, destroem e dividem para que a cultura dos direitos humanos não exista em desfavor da sua ideologia teocrática.

Os movimentos religiosos fundamentalistas partem, pois, do princípio de que nada nem ninguém se deve opor à verdade; quem assim fizer, deve ser combatido. A luta dos fundamentalistas é uma luta reaccionária contra tudo o que seja evolução em relação ao passado cultural fundamentado na religião. Pensam que desta maneira perdem a sua identidade e que Deus os castigará, mais tarde ou mais cedo. É uma luta pela tradição familiar, nacional e política. Assim acontece com as Testemunhas de Jeová em relação ao sangue. Para eles nenhuma igreja, fé ou política tem qualquer interesse quando confrontados com a segunda vinda de Cristo. Só eles são os eleitos e só eles preparam devidamente a parúsia do Senhor. É uma luta elitista de eleitos contra pecadores, de salvos contra condenados. Eles e só eles são os abençoados de Deus, detentores do próprio poder de Deus, senhores duma Terra Prometida a germinar e a acontecer através da sua luta. O que Hitler, Estaline, Mao Zedong (Mao Tse Tung) fizeram com a mão armada, eles procuram fazê-lo com a mão levantada ao Céu do seu Deus e da sua verdade. Assim se explica uma das causas mais profundas do seu actuar: a sacralização, a inspiração e a inerrância das suas escrituras.

Para os cristãos fundamentalistas, a Bíblia é o livro de toda a ciência e verdade, o verdadeiro armazém da história. As próprias palavras da Bíblia são inspiradas e não apenas as ideias que passam por elas. Neste aspecto criticam o método histórico-crítico alemão aplicado à Bíblia nos séculos XIX-XX. Hoje em dia, tanto os exegetas católicos como protestantes fazem depender a inspiração bíblica dos diferentes géneros literários da Bíblia como literatura.



Entretanto, no protestantismo evangélico norte-americano dos anos 20 do século passado surgiu em força a doutrina sobre a segunda vinda de Jesus Cristo. Jesus iria aparecer brevemente e impor o milenarismo na terra. Os cristãos preparados seriam arrebatados ao céu com Jesus enquanto os não preparados ficariam privados desta felicidade. Assim nasceu também o chamado “dispensacionalismo” histórico e as divisões entre evangélicos sobre o “Arrebatamento” antes da grande provação-tribulação ou depois da mesma. Os passos bíblicos sobre o “Arrebatamento” da 1.^a Ts. 4, 13-18 e Ap. 20 são vistos como história factual e não como história apocalíptica. Estaríamos, então, no fim desta história e no prelúdio de uma outra história. Com o “dispensacionalismo” apareceu uma nova maneira de ser profeta. Todos os sinais políticos de ordem nacional e internacional são vistos nesta perspectiva da parusia.

Os EUA e a “reconstrução cristã”

Os evangélicos americanos, com institutos bíblicos espalhados por toda a parte, onde estudavam e estudam a política americana como salvadora do mundo do Anticristo comunista – e, para muitos, do Anticristo do Papa da Igreja Católica – acabaram por fundamentar o neopentecostalismo evangélico. Nos anos 50 sobressaem as figuras de Billy Graham, Rex Humbard, Carl McIntire, Oral Robert, ligados à direita política americana do Partido Republicano, e desencadeiam na rádio e televisão uma cruzada cristã contra o comunismo e a favor da política americana³. Em 1979, um grupo de pastores de várias igrejas fundam o movimento *Moral Majority* com o fim de estabelecer uma moral política e social em toda a América. Sobressaem as figuras de Richard Viguerie, Ed McAteer, Jerry Falwel, Greg Dixon, Tim LaHaye e Charles Stanley⁴. O movimento tornou-se em onda e vaga a nível nacional e invadiu todos os sectores da política interna e externa americanas, influenciando de maneira substancial as eleições presidenciais.

Nesta campanha sobressai Falwell na pregação contra os comunistas e em defesa da América como “nação escolhida” por Deus para conduzir a humanidade e preparar a parusia do Senhor⁵. O poder político, económico, cultural, artístico, devia ser controlado pela força evangélica de Deus. A civilização cristã deve dominar o mundo através da América. Como se exprimiu o Dr. Gary North, fundador do movimento “reconstrução cristã”, “os cristãos são chamados por Deus para exercer o poder”⁶.

Ninguém pode prever o futuro do movimento fundamentalista evangélico tal como nasceu e se desenvolveu na América, com todo o seu potencial religioso, político e social. A dilação da parusia obriga estes evangélicos a mudarem a política profética “dispensacionalista” de tempos a tempos. A sua força política na governação de Reagan e de George W. Bush é sobejamente conhecida. Mas a sua voz não é mais do que uma entre muitas numa nação democrática que, segundo os analistas, está a esgotar-se.

O império evangélico

O império americano, baseado na razão, tecnologia, militarismo e na religião cristã de fundamento “biblicista”, está a chegar ao fim. Já se pergunta: o que será da humanidade depois do império americano? E, correlativamente, o que será do



evangelismo americano depois do império da América? O evangelismo americano é uma subcultura entre muitas outras subculturas que, todas juntas, formam o *puzzle* da grande cultura americana.

Mas foi com este espírito que o evangelismo americano, sustentado economicamente pelos dízimos e por uma máquina publicitária gigantesca nos *media*, entrou na América Latina e a está missionando com grande êxito, opondo-se frontalmente à Igreja Católica, à ciência e a tudo o que é política de esquerda. Na América Latina sobressai o Brasil e, no Brasil, sobressai a *Igreja Universal do Reino de Deus* (IURD). O seu fundador, Edir Macedo, segue as mesmas linhas evangélicas e a mesma política missionária do evangelismo americano. Ao seu lado, há dezenas de igrejas neopentecostais com o mesmo sistema de hermenêutica evangélica e de política de poder. A IURD, com um sistema televisivo e radiofónico próprio e poderoso, conquista as populações desfavorecidas e marginalizadas. Na sua doutrinação, combate a filosofia, o evolucionismo, tudo o que é cultura religiosa ecuménica e todas as igrejas clássicas, especialmente a Igreja Católica.

No entanto, a IURD conquista lugares no governo do Brasil, possui a segunda maior televisão brasileira, centenas de rádios e está bem viva em Portugal e PALOPS. Na televisão, rádios e igrejas defendem o chamado “evangelho da prosperidade” baseado na doutrina deuteronomista do Antigo Testamento das bênçãos e maldições. Todo o crente abençoado por Deus merece e deve possuir bens, fortuna, família sem problemas, sem doença e com vida longa. O não-crente será amaldiçoado com o mau--olhado, doenças, fatalismos e tristezas. Os dizimistas têm a sua “corrente” própria de bênção divina. Só não encontramos na vida de Jesus qualquer ponta de evangelho que defenda o “evangelho de prosperidade”. A vida que Jesus anuncia “em abundância” (Jo 10, 10: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”) nada tem a ver directamente com qualquer evangelho de prosperidade. Semelhante hermenêutica nada tem a ver com o quarto evangelho (ver Jo 10, 28; 12, 24-26. 32. 36). Não se pode confundir o evangelho *da fé* com o evangelho *da prosperidade*.

As novas catequese islâmicas

Fora do cristianismo, sem dúvida que o movimento religioso mais temido e mais falado é o da Al Qaida. Os atentados de Nova Iorque, Madrid, Londres, e um pouco por toda a parte, são os sinais mais visíveis do ódio do movimento a tudo o que seja cultura ocidental, democracia, direitos humanos, liberdade religiosa, libertação da mulher, respeito pela dignidade da pessoa. Sem dúvida que ninguém pode acusar o islamismo, como religião, destas atrocidades. Mas também é verdade que a Al Qaida e movimentos paralelos estão presentes em todas as nações árabes e em muitas das catequese islâmicas. Não vamos aqui discutir a história de Israel e da Palestina, mas, em nosso entender, os actos terroristas da Al Qaida, um pouco por toda a parte, não têm qualquer justificação. São actos terroristas indiscriminados. Atingem inocentes civis que nada têm a ver com as questões de Israel e da Palestina. São actos de islâmicos fanáticos e loucos. Os suicidas islâmicos acreditam que, com os seus actos, são mártires de Alah, e que receberão, no céu, o prémio de uma vida eterna cheia de delícias. A base desta doutrinação é, realmente, política, mas para um islâmico não existe a lei de Jesus: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Por isso, a Al Qaeda combate não apenas os



“pagãos” – e “pagãos” são todos os não-crentes islâmicos –, mas também os regimes islâmicos que aceitam a democracia, os direitos humanos, o diálogo inter-religioso, o secularismo.

A questão é, realmente, muito complexa.

Os islâmicos acreditam que o Alcorão foi escrito no céu, depois entregue por Alah ao anjo Gabriel que, por sua vez, o foi revelando, pouco a pouco, a Maomé. Esta leitura fundamentalista não passa de um mito, mas é a razão mais funda do terrorismo islâmico da Al Qaida⁷. Alguns exegetas islâmicos procuram adoçar os textos corânicos sobre a “guerra” contra os seus inimigos. Mas a verdade é que tais textos, para os terroristas, são lidos e acreditados ao pé da letra. Apresentamos apenas o texto da sura (surah) 4, 73: “Que *combatam* pela causa de Deus os que trocam esta vida terrena pela vida futura! Pois quem *combater* pela causa de Deus, quer morra, quer vença, *conceder-lhe--emos grandes recompensas*”, e da sura 4, 94: “Não há igualdade entre os crentes que permanecem em casa, sem serem inválidos, e os que *combatem e arriscam bens e vida ao serviço de Deus...*”.

Os textos são claros. Podem e devem interpretar-se a partir do contexto histórico. O estudo do texto no contexto, nos islâmicos, ainda está muito longe de ser esclarecido e estudado por causa do mito do Alcorão ser um livro divino, escrito no céu, em árabe, e entregue ao Profeta de maneira divina. No entanto, entre os historiadores e exegetas islâmicos actuais, já muito foi feito, embora contra a vontade da maioria dos responsáveis religiosos islâmicos do mundo inteiro⁸.

Muitos outros movimentos de fundamentalismo religioso, com fins religiosos, políticos e económicos, podiam e deviam ser apresentados. Nomeamos apenas a Igreja da Unificação do Reverendo Moon, A Igreja dos Santos dos Últimos Dias (“Mormons”), as Testemunhas de Jeová, o movimento Judeus Sionistas. E nem sempre é fácil distinguir uma igreja de uma seita, uma religião de um movimento religioso fundamentalista. Podemos apresentar – como já dissemos – alguns critérios: o critério do diálogo entre fé e ciência, entre criacionismo e evolucionismo, entre nacionalismo e universalismo, entre sacralização dos textos fundadores e crítica histórica e literária dos mesmos textos, entre povo “eleito” e povo “de Deus”. Concluimos dizendo que sempre houve e haverá fundamentalismos religiosos com fins de poder e domínio fundamentados na religião. Não há igrejas e religiões quimicamente puras.

* Joaquim Carreira das Neves

Estudou Ciências Bíblicas em Jerusalém no Instituto Pontifício da Flagelação e em Roma no Instituto Pontifício Bíblico. Docente na Universidade Católica até 2006. Docente em Jerusalém, na Universidade Nova de Lisboa e docente visitante da Universidade de Berckley na Califórnia. Autor de diversos livros e artigos, colaborando actualmente com o Jornal EXPRESSO.

Notas

¹ Ver “Une Amérique chrétienne pour sauver le monde”. *Nouvel Observateur* 26/2/2002.

² A. C. DIXON (ed.), *The Fundamentals* (Chicago, Testimony Publishing, 1910-1915).

³ Ver Gary K. CLABAUGH, *Thunder on the Right: The Protestant Fundamentalism* (Chicago, Nelson-Hall, 1974); Erling JORSTAD, *The Politics of Doomsday: Fundamentalists of the Far Right* (Nashville, Abingdon Press, 1970).

⁴ Ver Martin E. MARTY e Scott APPELEBY (eds.), *Fundamentalisms Observed* (Chicago, The University of Chicago Press, 1994) 43 ss.

⁵ Na sua obra *Listen America*, p. 15, escreve: “Only by godly leadership can America be put back on a divine course. God will give national healing if men and women will pray and meet God’s conditions.”



⁶ Gary NORTH, *The Theology of Christian Resistance* (Tyler, Geneva Divinity School Press, 1983).

⁷ Ver Marc SAGEMAN, *Le vrai visage des terroristes. Psychologie et sociologie des acteurs du djihad* (Éditions Denoël, Paris 2005). É muito importante a comparação psicológica e sociológica entre o islamismo fundamentalista e a Igreja da Unificação do Rev.. Moon nas páginas 232-239; Rohan GUNARATNA, *No Interior da Al-Qaeda. Rede Global do Terror* (Relógio d'Água, Lisboa 2004); Jason DURKE, *Al-Qaheda. A História do Islamismo Radical* (Quetzal Ed., Lisboa 2004).

⁸ Ver Abdelwahab MEDDEB, *A Doença do Islão* (Relógio d'Água Ed., Lisboa 2005); Mohamed-Chérif FERJANI, *Le politique et le religieux dans le champ islamique* (Fayard, Paris 2005); Rachid BENZINE, *Les nouveaux penseurs de l'Islam* (Albin Michel, Paris 2004); Andrew RIPPIN, *Muslims. Their religious beliefs and practices* (Routledge, London & New York, 2005); Édouard-Marie GALLEZ, Vol I: *Le messie et son prophète. Aux origines de l'Islam. De Qumrân à Muhammad* (Ed. de Paris, Paris 2005); Vol. II: *Le messie et son prophète. Aux origines de l'Islam. Du Muhammad des Califes au Muhammad de l'histoire* (Ed. de Paris, Paris 2005). Para os problemas actuais do ecumenismo inter-religioso, ver Samir Khalil SAMIR, *Cien Preguntas Sobre El Islam* (Ed. Encuentro, Madrid 2003).